

Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (FAMURGS) e do PGQP (Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade),

Erechim 10 de maio 2005

Palestra para Prefeitos, Vereadores e Administradores Públicos sobre

“Desenvolvimento local sustentável: o caso da Região italiana do Vêneto” Relatório do Professor Romano Toppan, docente da Universidade de Verona, Consultor do Pacto Territorial da Veneza Oriental

Introdução e agradecimentos

Me sento feliz de poder estar aqui entre os senhores, prezados prefeitos do Norte do Rio Grande do Sul e agradeço, na pessoa do senhor Jaci José Delazeri, Presidente, a Associação Comercial, Cultural e Industrial de Erechim, que patrocina a minha vinda e a iniciativa deste diálogo.

Trago a todos os senhores também as cordiais saudações de amizade e estima dos 19 prefeitos da Associação dos prefeitos da Veneza oriental, com os quais trabalhei e trabalho para o Pacto territorial da área e que se sentem felizes de poder oferecer, através do meu testemunho, a experiência e a garantia que o modelo de desenvolvimento local que nos realizamos na nossa zona é eficaz e concreto e lhes desejam que algo similar possa ser desenvolvido também entre vós, no sentido de encontrar uma via original e gaúcha para o progresso econômico e social.

Resumo da palestra

O Brasil já é a nona potência econômica do mundo e se encaminha para tornar-se um dos países mais vitais e importantes do desenvolvimento futuro. Mas na competição global é urgente decidir e escolher o “modelo” de desenvolvimento mais coerente e compatível com todos os valores em jogo: os valores humanos, sociais, culturais, ambientais, e não só índices de crescimento econômico.

O Brasil está ainda em tempo para orientar as suas potencialidades numa direção ao invés de uma outra: na direção de um desenvolvimento sustentável ao invés de uma exploração insipiente e destrutiva dos seus recursos, na direção de um desenvolvimento local que venha de baixo (bottom up) ao invés de um desenvolvimento imposto do alto (top down), na direção de um desenvolvimento das redes entre médias e pequenas empresas e das formas “distritais”, ao invés de um desenvolvimento de grandes empresas e grandes concentrações industriais e financeiras.

É exatamente a assembleia dos Prefeitos do Estado do Rio Grande do Sul, que é um dos estados mais ricos e mais representativos do crescimento futuro do Brasil, que oferece a ocasião de fazer um confronto com as boas práticas de sucesso do modelo de desenvolvimento local, de pequenas empresas e de empreendedorismo difuso, versátil, ágil e criativo, que foi o segredo do espetacular crescimento econômico e social da região do Vêneto entre os anos 1970 e 2000.

Os dados deste crescimento são eloquentes: uma empresa a cada 11 habitantes, criação de mais de 30 distritos industriais formados por milhares de pequenas empresas, exportações invejáveis, um produto interno bruto que em 30 anos quase quintuplicou, fazendo do Vêneto uma região entre as mais ricas da Europa, com um nível de desemprego inferior a 5%.

Tendo em conta que até os anos 60, o Vêneto era terra de camponeses (quase 60% da população trabalhava nos campos), de emigrantes (muitos deles dirigiram-se exatamente ao Brasil, do final

do século XIX até a metade do século XX), e de pobres, o resultado foi verdadeiramente impressionante.

Ainda que o modelo de desenvolvimento adotado se ressinta da crise internacional, todavia resiste melhor do que outros modelos, porque é elástico, flexível e polivalente, formado de agricultura, indústria, comércio e turismo. Em particular, as vantagens competitivas da região do Vêneto continuam muito fortes e o declínio tido por muitas áreas da Itália devido à concorrência chinesa ou de outros países emergentes, tem sido atenuado pela forte presença de estratégias integradas entre entidades locais e empresas, entre redes distrituais e formas de cooperação internacional, entre propostas competitivas de turismo e projetos de marketing territorial a partir de produtos típicos e originais.

O testemunho do Prof. Romano Toppan, 58 anos, docente da Universidade de Verona e Consultor do Pacto Territorial da Veneza Oriental, é particularmente adequado à apresentação deste modelo de desenvolvimento, porque ele foi um dos protagonistas mais significativos do desenvolvimento mesmo do modelo, desde os anos 70, como responsável pelo projeto de capacitação mais vasto já registrado no mundo: de 1974 a 1982, foram formados e levados a um nível de consciência gestional inovativa, de confiança em si mesmos e de auto-estima, quase 16.000 pequenos empresários que puderam, deste modo, numa coalização de esforços, encontrar formas de consórcio e de cooperação estratégica em relação aos bancos, às instituições públicas, ministérios, governos estaduais, mercados externos, etc. , para ter maior poder de barganha, maior probabilidade de penetração nos mercados externos, maior potência ativa diante das grandes empresas e de outras formas de egemonia autoritária.

Uma verdadeira e própria revolução, realizada por ex-camponeses que, em lugar de combater as empresas para ter melhores condições, as criaram eles mesmos tornando-se, desta forma, empreendedores.

Tudo isto é devido a uma série de fatores importantes, mas um dos mais decisivos para o sucesso do modelo revolucionário desta forma de capitalismo difuso e familiar, foi o papel dos Prefeitos: forão eles que, nos pequenos municípios pobres e marginais do Vêneto, souberam, numa coalização de forças, formar um corpo único com os seus agricultores e os seus pequenos empresários locais, para criar em modo espontâneo e concreto aquela riqueza que em vão podiam esperar que viesse do alto. E enquanto a política nacional estava distraída a criar desperdícios imensos com a idéia dos “grandes polos industriais” (que depois foram todos a falência), os Prefeitos (que são os únicos políticos obrigados a ficar a cada dia com os pés no chão, porque os cidadãos os têm sempre de olho) davam nascimento aos consórcios locais, aos pactos territoriais, aos distritos de produção constituídos de pequenas empresas, aos bancos cooperativos para os créditos facilitados, negociando sem servilismo com os políticos regionais e nacionais, com os deputados e os senadores, a criação de leis de sustentação às pequenas empresas e aos seus consórcios e associações locais.

Os Prefeitos do Rio Grande do Sul poderão ter uma sugestão útil para a própria estratégia futura?